

Professora: **Fernanda Nicolau Nogueira**

EEEFM Nilson Silva – Rolim de Moura/RO

Título

Projeto Ler, Escrever... Crescer!

Resumo

“Aprender é uma das coisas mais bonitas, mais gostosas da vida. Acontece e qualquer tempo, em qualquer idade, em qualquer lugar. Ajudar as pessoas a descobrir esse prazer, a "degustar" o sabor dessa iguaria é ascender às mais altas esferas da atuação humana. A escola existe para estimular a "gula" pelas delícias de poder saber...” (ALVES, 2000)

O projeto Ler, Escrever... Crescer! é um projeto interdisciplinar que foi desenvolvido no ano de 2016 na turma do 4º ano B do Ensino Fundamental na E.E.E.F.M. Nilson Silva, escola situada num dos bairros periféricos da cidade de Rolim de Moura, Rondônia. A experiência surgiu quando o diagnóstico inicial revelou que, dos 26 alunos matriculados, 14 não tinham concluído o processo de alfabetização. Para atender esta necessidade premente de conferir aos alunos a competência de ler e escrever e ao mesmo tempo atender aos conteúdos curriculares anuais, de maneira que todos avançassem no processo de ensino, utilizamos os gêneros textuais e a tecnologia que foram as bases de sustentação do projeto. Mas por que a ênfase na leitura, na escrita e nos gêneros textuais?

Iniciemos pela importância de *ler*. Se o aluno for um leitor competente, conseqüentemente terá bom desempenho nas demais disciplinas, uma vez que terá condições de interagir com diversos tipos de texto, fazendo inferências sobre eles, retirando as informações necessárias para desenvolver suas atividades. Ler é um processo que confere ao aluno o prazer da descoberta, processo este que está intimamente ligado ao desenvolvimento da competência de *escrever*.

Os gêneros textuais, por sua vez, constituem um excelente instrumento de ensino para o professor, porque atribuem sentido real às atividades, pois que reportam os alunos a situações reais do cotidiano. Conforme Dolz e Schneuwly (1998), "(...) uma proposta de ensino/aprendizagem organizada a partir de gêneros textuais permite ao professor a observação e avaliação das capacidades de linguagem dos alunos; antes e durante sua realização, fornecendo-lhe orientações mais precisas para sua intervenção didática. Para os alunos, o trabalho com gêneros constitui, por um lado, uma forma de se confrontar com situações sociais efetivas de produção e leitura de textos e, por outro, uma maneira de dominá-los progressivamente."

Por possuírem enunciados estáveis e presentes na cultura, os gêneros textuais fornecem ao professor uma fonte significativa de aprendizagem. A tecnologia, presente em tudo em nosso cotidiano atualmente, é uma ferramenta importante para despertar a curiosidade e o entusiasmo dos alunos além de promover uma integração entre os conteúdos e o aproveitamento dos textos de diversos contextos curriculares.

Assim, esta experiência realizada no decorrer de sete meses teve como resultante uma exposição para a comunidade escolar que contou com a apresentação de telejornal, programa de culinária, jornal escrito, painéis com diversos tipos de texto, além da realização do trabalho com *blog* educativo e outras ações interdisciplinares com os gêneros textuais promovendo para os alunos um conhecimento significativo, único que possibilita ao educando a formação cidadã, uma oportunidade real de *crescer*.

Planejamento

Ao iniciarmos o ano letivo de 2016, constatamos através da realização do diagnóstico inicial que aproximadamente cinquenta por cento da turma não tinha o processo de alfabetização concluído, assim como não apresentava domínio pleno sobre as operações básicas da Matemática. Notamos também um certo desinteresse por parte dos alunos em realizar as atividades escolares, que era decorrente da falta do domínio da leitura e da escrita.

O que fazer para desenvolver os conteúdos curriculares anuais e ao mesmo tempo atender às necessidades tão prementes de tantos alunos? Assim surgiu a ideia desta experiência: desenvolver um projeto interdisciplinar que tivesse a leitura como base fundamental, pois os alunos precisavam, primordialmente, desenvolver a competência de *ler*.

Segundo Cagliari, a leitura é o saber conferido pela escola que se perpetua na vida das pessoas, sendo mais importante que qualquer diploma, e, enquanto educadores, temos a convicção de que o aluno que lê com competência, que interpreta as informações lidas, que as utiliza com eficácia, desenvolve também conhecimentos acerca de *escrever* com competência, tendo, como consequência, um bom desempenho em todas as demais disciplinas curriculares. Mas qual seria o caminho? Qual seria base para o desenvolvimento das atividades? Como motivá-los?

Para delimitar o campo de aplicação do projeto, escolhemos os gêneros textuais, pois, segundo Dolz & Schneuwly, estes estão presentes no cotidiano dos alunos e nas demais disciplinas, e o trabalho com os gêneros permite ao professor observar e avaliar a capacidade de linguagem dos alunos, oferecendo uma orientação mais precisa por lidar com situações sociais efetivas. Outra vantagem do trabalho com os gêneros textuais é que eles constituem conteúdo curricular em todos os bimestres, além de que os alunos encontram muitos deles impressos no cotidiano.

Mas, ainda restava a questão da motivação. Como despertar o interesse e a curiosidade de todos? Para isso a tecnologia foi uma ferramenta de trabalho essencial, pois nada desperta mais a curiosidade das crianças e dos jovens atualmente!

O *blog* educativo que construímos, o laboratório de informática da escola, o computador interativo, e aparelhos celulares foram instrumentos importantes no projeto. Organizamos as etapas de trabalho partindo sempre da apresentação do gênero textual, de suas características, de sua utilidade no cotidiano, seguidas por momentos diários e diversos de leitura, bem como do desenvolvimento de atividades de gramática, ortografia, coesão e coerência textual, primando sempre pelo atendimento às necessidades de alfabetização.

A valorização da heterogeneidade de saberes da turma foi determinante para alcançar a meta de concluir o processo de alfabetização e atender aos conteúdos anuais. Os textos de Matemática assim como os textos expositivos de Ciências, História e Geografia tinham espaço especial, pois eram trabalhados semanalmente, sempre de acordo com o planejamento estabelecido.

O estudo de cada gênero era finalizado com a construção de algo especial para as crianças. Quando trabalhamos notícia por exemplo, filmamos um telejornal com apresentadores e repórteres. Ao trabalhar biografia, construímos um painel expositivo com as biografias de nossos autores preferidos. Estas produções desenvolveram a autoestima nas crianças. Elas se sentiam valorizadas e interessadas em saber qual seria a próxima produção. Foi muito especial! Acompanhar o crescimento, a evolução de cada aluno e poder fazer parte deste processo crescendo com eles foi muito gratificante!

Algumas ações foram redirecionadas para atender às sugestões das próprias crianças. Assim, nossas produções durante o projeto compuseram um acervo maravilhoso para apresentação à comunidade, composto por programa de culinária, telejornal, quatro edições de jornal escrito, livro de contos, peças de teatro, música, poesia, além de painéis de biografia e reprodução de quadros de pintores famosos.

Nossa pesquisa na biblioteca da escola era constante nos momentos de planejamento. Autores como Ana Maria Machado, Eva Furnari, Maurício de Souza, Cecília Meireles, Tatiana Belinky e pintores como Tarsila do Amaral e muitos outros importantes brasileiros fizeram parte do nosso dia a dia. Buscamos também, através de reuniões e diálogo constante, envolver os pais e/ou responsáveis no projeto, pois o processo de ensino-aprendizagem necessita de um trabalho conjunto entre escola e família para ter bons resultados. Com essa experiência pudemos comprovar que a construção de um conhecimento significativo é capaz de possibilitar ao educando uma formação cidadã, uma oportunidade real de *crescer*.

Diagnóstico

A E.E.E.F.M. Nilson Silva está localizada no Bairro Jardim Tropical, periferia da cidade de Rolim de Moura, Rondônia e atende atualmente à 740 alunos. Assim como as demais escolas estaduais, nossa escola vem extinguindo gradativamente o atendimento às séries iniciais do Ensino Fundamental, atendendo em 2017 somente a partir do terceiro ano. Inclusive neste ano, já deixamos de atuar com as séries iniciais e fomos lotados com aulas de outras disciplinas. No que se refere à estrutura física, a escola tem boas condições de trabalho. É toda climatizada, conta com refeitório amplo, sala de multimeios, laboratórios de ciências e informática, sala de jogos, quadra poliesportiva e uma biblioteca que é um verdadeiro tesouro literário. Mas o que mais nos enobrece em nossa escola é a nossa equipe de trabalho. Há união, ajuda recíproca, desejo de crescer, de promover o bem da sociedade através do nosso trabalho. Nosso maior desafio hoje consiste em garantir um acompanhamento eficaz por parte dos pais ou responsáveis no que se refere ao processo de ensino-aprendizagem de seus filhos e, nesse sentido, o projeto que desenvolvemos foi uma oportunidade a mais para atender esta necessidade da escola.

A turma com quem trabalhamos era composta por 26 alunos, de classe de renda considerada baixa, sendo três deles repetentes. Os alunos apresentavam falta de disciplina e de organização em sala. Para se ter uma ideia, em nosso primeiro contato, precisamos de quase 20 minutos para conseguir organizar a sala de maneira razoável a sermos ouvidos. Mas a maior dificuldade de aprendizagem foi revelada no diagnóstico inicial. Dos 26 alunos matriculados, dois estavam no nível silábico de alfabetização, sete no nível silábico alfabético e seis apresentavam grandes dificuldades ortográficas, bem como não produziam textos, apenas frases escritas sem pontuação e sem segmentação. No tocante à leitura, os 13 últimos alunos citados não apresentavam condições de encontrar informações explícitas em um texto. Em matemática, à

exceção das alunas Karine e Amanda, os demais somente somavam e subtraíam na realização de operações simples, sem reservas.

A realização de avaliações diagnósticas faz parte de nossa rotina de trabalho. A primeira delas é realizada no máximo na segunda semana de aula e, para elaborá-la, sentamos em conjunto, todas as professoras das séries iniciais, e definimos conteúdos essenciais a serem cobrados e, após a aplicação e análise dos dados, socializamos os resultados com a direção, supervisão e orientação escolar, a fim de traçarmos estratégias de trabalho. Para os quartos anos, o diagnóstico é composto por atividades de leitura e escrita em Língua Portuguesa, como ditado de palavras e frases, escrita com apoio de figuras, sendo as mesmas organizadas da menor para a maior dificuldade a fim de nos viabilizar uma análise de nível de alfabetização, ortografia, gramática, interpretação de texto e leitura. Em Matemática, as atividades visam permitir uma análise sobre conhecimento numérico, domínio de operações fundamentais com e sem reserva, além da capacidade de compreensão e de resolução de situações problemas (Anexo 1). Antes da aplicação da avaliação diagnóstica, preparamos os alunos, conversando sobre a sua importância e seu objetivo, dizendo que ela nos ajudará muito enquanto professoras para melhor atendê-los. Quando explicamos que precisava ser individualmente realizada e que precisava ser feita com muita atenção, um aluno perguntou: “Mas por que não posso copiar do colega se não vale nota?”. Então fizemos uma comparação com uma consulta médica, dizendo que se apresentamos os "sintomas" de outra pessoa, recebemos o remédio errado. Explicamos que a avaliação servia para conhecer o que eles sabiam e ajudá-los a aprender o que ainda desconheciam. Juntamente com os dados colhidos, são analisadas também as informações sobre os alunos fornecidas pelas professoras dos anos anteriores, durando todo o processo, do planejamento da avaliação à organização e socialização dos dados, cerca de dez dias. Essa forma de diagnóstico tem se mostrado eficiente e tem nos ajudado muito em nosso fazer pedagógico, inclusive para a formação de grupos produtivos. A partir daí, a prioridade era alfabetizar o mais rápido possível os alunos que ainda não haviam concluído do processo de alfabetização, atendendo ao desenvolvimento dos mais avançados para que todos progredissem, deixando em condições de promoção para o ano seguinte o maior número de alunos possível.

Desenvolvimento

Na primeira semana de aula tivemos dificuldades para organizar o trabalho em sala. Todos falavam juntos, inclusive durante a apresentação das consignas (orientações para realização das atividades). Mas a causa desta dificuldade foi revelada na sondagem diagnóstica inicial realizada ainda na primeira semana de aula. Como a criança pode mostrar interesse por uma atividade que não consegue ler? Portanto, a questão da disciplina foi o menor dos problemas.

Após a realização da sondagem, passamos a planejar diariamente quatro tipos de atividades diferentes com o mesmo tema. Uma para cada nível de alfabetização, assim todos ficavam envolvidos, compreendiam o tema e avançavam em suas dificuldades. Aproveitamos também, a ajuda dos alunos mais adiantados, formando sempre duplas produtivas, em que um contribuía com o outro com o que tinha de melhor.

O primeiro gênero textual trabalhado foi a regra de jogo e seguido deles os demais textos instrucionais. Independente do gênero a ser trabalhado, a primeira atividade do dia até meados do segundo bimestre era a leitura feita pela professora, para que os alunos pudessem provar o prazer de ler. Uma vez por semana tínhamos aula na biblioteca da escola que compreendia

momentos de leitura e realização de atividades que iniciaram pela busca de informações mais fáceis de serem localizadas como título do livro, nome do autor e editora, passando pela identificação do gênero lido até chegar na análise do texto em si.

Quando trabalhamos contos, as crianças foram instrumentalizadas a identificar o cenário (onde se passava a história), o tempo (quando), os personagens (protagonistas e antagonistas), o conflito (problema que desencadeia toda a história), solução (como se resolve o conflito) e desfecho (como termina a história).

Para o estudo dos textos instrucionais, solicitamos que os alunos trouxessem de casa regras de jogo, manuais de instrução, bulas de remédio e receitas culinárias, com os quais construímos um painel que trazia uma definição desse tipo de texto, de suas partes e principalmente uma explicação de sua utilidade no cotidiano. Destes gêneros, a bula foi a que tivemos mais dificuldades de trabalhar, pois os nomes como posologia, composição, reações adversas eram um obstáculo para as crianças. Embora explicássemos por outras palavras, as crianças sempre confundiam os termos. Então, inserimos o estudo de sinônimos e a importância do uso do dicionário.

É necessário salientar aqui a importância das sete horas de reforço escolar para o desenvolvimento do projeto. Estas horas de atendimento em horário oposto aos alunos com dificuldades foram muito imprescindíveis para o alcance dos resultados. Não seria possível alfabetizar um número tão grande de alunos e atender aos conteúdos anuais somente com o trabalho em sala de aula. Formamos grupos de três e quatro alunos que eram atendidos em rotatividade para todos poderem participar, pois eram quatorze. No início foi preciso auxílio constante da orientação escolar, que atua com eficácia em nossa escola, para garantir por parte dos pais a presença das crianças neste reforço. As aulas de reforço iniciam às 13h. Se até às 13h10 o aluno não chegasse, comunicávamos à orientação, que imediatamente entrava em contato com a família para que a criança viesse. E nestas aulas desenvolvíamos atividades como ditado, escrita com apoio de figuras, ordenação de texto, segmentação, pontuação, escrita e leitura de lista, enfim, atividades de alfabetização de acordo com o nível de cada aluno.

Para finalizar o estudo dos textos instrucionais, nossa atividade prevista no projeto era construir jogos com material reaproveitado como garrafas PET, tampinhas, papelão e outros (juntando as disciplinas de Artes e Língua Portuguesa) para brincarmos no recreio participativo da escola. Mas o depoimento de um aluno deu oportunidade a um redirecionamento que propiciou aprendizados sobre solidariedade e amor ao próximo. Um aluno, Denilson, contou que tinha assistido a uma reportagem sobre as crianças do continente africano, que em muitos países estavam passando sede, fome e não tinham brinquedos. Perguntei se eles sabiam que em nossa cidade muitas crianças também não tinham brinquedos. Eles responderam que sim. Então perguntei se eles gostariam de construir jogos também para elas. As crianças ficaram maravilhadas! “Será que eles vão gostar, professora?”, e eu disse que tinha certeza que sim, e que, como a cidade tem bairro mais distantes com maior número de crianças nestas condições, que eu iria chamar a equipe de uma rede de televisão local (com quem temos amizade), que conhecia bem a cidade e que eles viriam buscar os jogos e levar para serem entregues. A alegria foi geral! Todos construíram jogos, brinquedos, embalamos com papel de presente usado e, juntamente com as regras de utilização e um bilhete que as crianças escreveram, foram entregues. A equipe da TV local veio buscar, tiraram fotos com as crianças. Foi um momento

especial. No decorrer da semana, as crianças assistiram à entrega dos brinquedos pela TV (Fotos em anexo).

Assim, ao estudar cada gênero, iniciávamos apresentando diversos textos do mesmo, explicando sua finalidade, e finalizávamos com uma atividade especial para as crianças. Algumas atividades eram presentes no estudo de todos os gêneros. O painel com o gênero, por exemplo, fizemos em todos eles. As atividades de leitura, escrita, gramática, enfim, de Língua Portuguesa, tanto de alfabetização quanto as que se referiam aos conteúdos bimestrais, desenvolvíamos diariamente. Além de acolher nossas aulas, a biblioteca fez parte de todo o nosso planejamento, do primeiro ao último dia do ano letivo. Todas as nossas leituras para as crianças foram feitas com o seu acervo.

Quando fomos trabalhar problemas de Matemática, que muitos alunos detestavam, usamos o livro *Os Problemas da Família Gorgonzola*, de Eva Furnari, que mudou a visão que as crianças tinham sobre a resolução de problemas. Tínhamos elaborado uma atividade com vários probleminhas para serem resolvidos em dupla e vimos que muitos não se interessaram, então passamos a ler o livro, lendo dois ou três problemas da família Gorgonzola por dia, fazendo sempre a "entrega" dos troféus dos cérebros que constam no livro e as crianças se divertiam muito. Como a atividade de resolução de problemas que planejamos a princípio não trouxe interesse, propusemos que as crianças escrevessem os problemas, aí o interesse apareceu!

Sempre formávamos grupos produtivos, para que aqueles que ainda não escreviam corretamente contribuíssem com suas ideias ou da forma que desejassem, enquanto o outro fazia o papel do escriba, assim todos participavam e se sentiam valorizados.

O segundo tipo de texto que trabalhamos foi o narrativo. Nele estudamos os gêneros: contos, fábulas e aventuras. Assim como nos demais, apresentamos cada gênero, fizemos leituras compartilhadas, silenciosas, enfim, seguimos o mesmo procedimento de trabalho para o desenvolvimento de atividades de alfabetização e de atendimento aos conteúdos de gramática e ortografia, mas foi no trabalho com os contos e fábulas que os alunos mais desenvolveram a escrita.

Os contos fazem parte do universo infantil, mas a princípio, devido às dificuldades das crianças, as produções delas eram muito precárias, mesmo as das que já eram alfabetizadas. Foi no trabalho com o conflito do conto que encontramos uma forma de fazer com que as crianças entendessem que a história produzida por elas precisava de emoção para ser interessante. Trouxemos o livro *Cabritos, Cabritões*, de Fernandez & Gonzalez.

As onomatopeias presentes no livro foram um recurso que todos os alunos utilizaram em suas produções, pois era palavras fáceis e que, no caso, deixaram a história engraçada. Os questionamentos na escrita das onomatopeias deram origem à escrita de palavras com sílabas complexas. “Professora, como escrevo o barulho do trovão?”, perguntou um aluno. Na lousa escrevemos as sugestões dos alunos como “brum”, “cabrum” e outras, sempre inquirindo: “Que letra posso usar para fazer o som ‘brrrr’?”, e depois novas palavras com br, cr, dr, iam surgindo. Assim fomos aproveitando as oportunidades que apareciam. Utilizamos os contos também para trabalhar a linguagem teatral e a escrita deste gênero.

Muitas atividades foram desenvolvidas, também no *blog In foco aprendizagem* (<http://infocoaprendizagem.blogspot.com.br/>). O *blog* funcionou da seguinte forma: quando o

foco era pesquisa, então a postagem conduzia o aluno a um *site* para leitura e em seguida a mesma postagem conduzia o aluno a uma página ligada ao nosso *drive* para realização de atividades. Outras vezes, como para o trabalho com os conteúdos de Ciências, História, Geografia e Artes, a postagem conduzia o aluno para *sites* com jogos educativos.

No começo foi um pouco difícil porque os alunos que não dominavam a leitura precisavam de um atendimento mais individual e, como eram muitos, foi um pouco difícil. Para muitos alunos, o acesso à internet e aos computadores era uma coisa relativamente nova. Então o computador interativo foi de grande ajuda, porque projetava o *blog* para todos verem e íamos juntos realizando as atividades, passo a passo. Uma das atividades com os gêneros realizamos com os contos de Ruth Rocha (Disponível em: <http://infocoaprendizagem.blogspot.com.br/search?updated-max=2016-10-05T12:09:00-07:00&maxresults=7>). As crianças assistiram a um vídeo com o livro narrado e depois realizaram atividades diversas num formulário veiculado ao nosso *drive*. Foi muito especial! Infelizmente não pudemos realizar nossas aulas no laboratório de informática da escola semanalmente, devido à precariedade do funcionamento da internet. Mesmo assim, as atividades com o *blog* contribuíram muito.

Também, nos anos anteriores, havíamos realizado atividades com um informativo escrito e aproveitamos a ideia, e bimestralmente imprimimos uma edição do jornal com as produções das crianças. Para dar vazão às ideias dos alunos sobre os textos expositivos que encontramos em Ciências, História e Geografia, fizemos uma edição especial com o tema que eles escolheram: dinossauros. Então pesquisamos no laboratório de informática da escola e escrevemos sobre os períodos jurássico e triássico. Estas edições foram socializadas com todas as turmas da escola do período da manhã. O mais importante era a alegria dos alunos ao verem seu nome e sua produção sendo conhecida por outras crianças.

Um fato importante, que caracteriza bem o problema da pouca participação dos pais no processo de ensino, ocorreu quando trabalhamos o gênero biografia, que foi o penúltimo gênero a ser trabalhado. Primeiro estudamos a estrutura do texto, sua utilidade, desenvolvemos atividades de gramática, ortografia, enfim, as atividades previstas. Usamos a biografia de Tarsila do Amaral e reproduzimos em papel alguns quadros para serem expostos, e, já ao final do estudo, as crianças tinham que escrever sua biografia. Uma aluna (cujo nome é preciso omitir), escreveu assim: "O ano que eu nasci foi um ano muito triste. Foi o ano que meu avô morreu. De lá para cá, os meus pais vivem para o trabalho e não tem tempo pra mim". Conversei com a aluna, que me contou seu cotidiano. Guardei o texto e chamei a mãe da menina. Não disse nada, apenas pedi que ela lesse. As lágrimas escorreram pelos olhos dela. Então pedi: "Cuide de sua filhinha". A partir daí, percebemos que a relação entre mãe e filha apresentou alguma melhora. Essas situações são as mais difíceis com que nós, professores, temos que lidar, pois estão além da nossa capacidade de resolução. Somente podemos ajudar no sentido de conscientizar.

O último tipo de texto que trabalhamos foi o poético, sendo importante salientar que as nossas leituras de sala não ficavam somente no gênero que estávamos estudando. Dávamos ênfase a ele, íamos diversificando a leitura. O que mais lemos foram os contos. Para o desenvolvimento do trabalho com os textos poéticos trabalhamos, além das poesias, música popular brasileira. Uma das ferramentas tecnológicas de uso em sala que mais usamos foi o computador interativo. A lousa digital facilitou muito a compreensão dos conteúdos de gramática, sem mencionar o quanto tornou a aula mais interessante! Assim, a cada gênero estudado, íamos realizando

produções que foram apresentadas à comunidade escolar. Filmamos um telejornal, um programa de culinária e um programa sobre jogos com material reutilizados.

O telejornal teve os temas escolhidos pelos alunos, as receitas do programa também foram escolhidas por eles, assim como o jogo "Corrida de tampinhas", que eles mesmos inventaram. Usamos o nosso aparelho celular para filmar e depois editamos o vídeo no Movie Maker. Foi muito divertido!

Para finalizar, as crianças escolheram uma imagem para ilustrar o convite para nossa apresentação e escreveram o texto, que depois foi digitado e entregue à comunidade escolar.

Chegou então o dia de socializarmos os nossos aprendizados, dia 29 de setembro! Neste dia, tivemos aula normal pela manhã, os alunos vieram novamente à tarde para dispormos o material e decorarmos o pátio e retornamos todos às 19 horas para a apresentação.

Expusemos nossos livros, nossos painéis, nossas filmagens, as crianças recitaram poesias, explicaram para os pais e comunidade cada gênero textual e sua utilidade e importância na vida diária, encenaram o conto da Dona Baratinha e cantaram Debaixo dos caracóis, de Roberto Carlos e Amor perfeito, também do Roberto, mas no arranjo do Jota Quest.

Foi emocionante ver os alunos apresentando o fruto do nosso trabalho para a comunidade escolar.

Como a experiência precisava de um período longo de tempo para apresentar resultados, tivemos que encontrar formas de manter os alunos sempre envolvidos, e nesta experiência aprendemos que mais importante que qualquer outro instrumento, o melhor caminho para este fim, é valorizar os saberes dos alunos valorizar aquilo que é importante para eles.

Avaliação

Aprendizagem

"Hei de ocupar-me no magistério porque este é o melhor meio de ser útil ao meu semelhante. Pelo meu estudo, instrução e conduta social hei de impor-me ao respeito e estima de meus Concidadãos, fazer grande bem ao meu semelhante e à minha Pátria, de modo que reflita sobre meus pais uma auréola de luz que os faça felizes, que os enobreça ainda mais e glorifique, tornando-me também eu digno de meus antepassados."
(Doutor Miguel Vieira Ferreira)

Para nós professores a avaliação formativa é indispensável não somente para a realização de uma análise mais completa do aluno e seus aprendizados e de nossa atuação como professores, mas também para nortear as nossas ações, redirecionando estratégias. Assim, nossos instrumentos foram a observação, os diagnósticos e nossas anotações através de um acompanhamento rigoroso.

Nosso objetivo principal era desenvolver a leitura e a escrita usando os gêneros textuais, ao mesmo tempo atender aos conteúdos curriculares. Desta forma, as ações que propusemos tinham que atender aos diversos níveis de alfabetização da turma, o que exigiu de nós o planejamento de muitas atividades, sendo que em nosso relato priorizamos aquelas que abrangeram todos os alunos, sem nos prender muito às atividades diárias de alfabetização.

No desenvolver das atividades já íamos observando os progressos. No reforço, principalmente, era fácil de perceber o avanço dos alunos, por lidarmos com um número pequeno de crianças (três ou quatro) e lidarmos com situações mais específicas como necessidades ortográficas, de segmentação, uso de pontuação e principalmente alfabetização.

Como a duração do projeto se estendia, havia de se ter o cuidado de não deixar perder a motivação principalmente por nossa parte, pois da nossa motivação dependia a motivação dos alunos. Nas nossas conversas com as colegas no recreio e planejamento, sempre recebíamos um pouco de ânimo e sugestões interessantes.

Certo dia, aplicamos uma atividade de matemática que demoramos bastante para planejar, acreditando que estava muito boa. Eram vários problemas de matemática que estavam organizados por nível de dificuldade e contemplavam todas as operações com enunciados bem presentes no dia a dia das crianças. E, para nossa decepção, as crianças realizaram somente metade dentro do tempo previsto para aquela aula. Foi uma decepção!

No horário de planejamento compartilhamos o ocorrido, então uma colega de trabalho disse: “Posso ver a atividade?”, de pronto respondi: “Mas é claro que sim!”. Após olhar ela me disse: “Olhe, os problemas estão muito bem elaborados, mas são muitos. Criança é imediatista. É monótono para eles ficar calculando repetidamente.”. Aquela orientação nos fez ver o quanto erramos mesmo acreditando que estamos fazendo o nosso melhor. Aprendemos que quando planejamos uma atividade, ela precisa atender não só necessidades de conhecimento, mas precisa ser interessante e estar dentro do que a criança pode produzir.

A partir de então, reduzimos a quantidade de exercícios de uma atividade e passamos a explorar melhor cada proposta, estendendo a discussão sobre ela, relacionando-a com outros saberes, e constatamos que o aproveitamento foi muito maior. Passamos também a dividir mais as nossas conquistas, anseios e dificuldades com as colegas de trabalho, pois aprendemos muito com as experiências que elas já tinham construído.

Tínhamos por objetivos específicos fazer com que as crianças compreendessem a utilidade de cada texto no seu cotidiano, procurando dar uma aplicabilidade imediata aos saberes aprendidos através das nossas produções em sala e para isso envolvemos todas as disciplinas e percorremos um longo trajeto. Cada gênero abriu espaço para atividades de gramática, ortografia e reservamos tempo especial para as escritas de texto. Usamos a pesquisa, a leitura, a tecnologia, o reforço escolar, realizamos reuniões frequentes com as famílias, para promover o envolvimento de todos (pais e alunos) no projeto.

Para avaliar os alunos, usamos sobretudo a nossa observação e acompanhamento diário. Realizamos três diagnósticos no decorrer do projeto para melhor avaliação e direcionamento das atividades. Podemos afirmar que todos avançaram. Como utilizamos a avaliação formativa, habilidades e competências também foram avaliadas. O produto final (nossa exposição) foi a socialização dos nossos saberes já construídos e avaliados. As necessidades da turma eram muitas. E tivemos que avaliar níveis diferentes de desenvolvimento todo o tempo.

Acreditamos que os desafios propostos foram de acordo com as necessidades, pois partimos do diagnóstico inicial. Assim tivemos que pensar cada atividade, para cada nível de alfabetização, visando atender a todos. Já os desafios referentes às produções finais não revelaram dificuldades

de realização por parte dos alunos, não somente porque trabalhamos bastante os temas, mas porque era do interesse deles realizar as filmagens, participar do teatro, enfim...

Com relação aos gêneros textuais, todos atingiram o objetivo de compreender a estrutura e a utilidade de cada um dos gêneros que trabalhamos. Quanto ao processo de alfabetização, somente um aluno que estava no nível pré-silábico terminou o projeto no nível silábico-alfabético, porque ficou ausente das aulas mais de um mês, por motivo de enfermidade. Os demais todos foram alfabetizados. Todos concluíram o projeto lendo e escrevendo com condições de localizar informações num texto e produzir um texto escrito.

No final, ao realizar, no terceiro bimestre, o último diagnóstico dentro do projeto, trouxemos para a turma a avaliação diagnóstica inicial para que eles comparassem com a que tinham terminado de realizar. Uma aluna (Kauany) disse: Eu não acredito que eu escrevia assim! Então outra vez retomamos a discussão sobre a importância do diagnóstico para eles e para o professor, que pôde, através deste instrumento, planejar as atividades que cada um precisava.

Acredito que o projeto tenha alcançado seu objetivo. Nem todos caminharam com a mesma rapidez, mas todos avançaram. Este é o maior ganho que tivemos: todos avançaram, nenhum aluno foi deixado para trás. Não vamos dizer que foi fácil. Não foi. Foi um trabalho árduo, difícil de ser realizado e que consumiu muitas horas de planejamento, tanto na escola quanto em casa, mas o fruto colhido compensou a dificuldade.

O projeto revelou também que ações como as reuniões frequentes com os pais precisam ser desenvolvidas em nossa escola, pois os alunos que tiveram o acompanhamento dos pais conseguiram avançar com muito mais facilidade. Aliás, este aspecto foi o que mais dificultou o nosso trabalho: a falta de acompanhamento dos pais no processo de ensino.

Outra contribuição do projeto foi a de que a valorização dos saberes que os alunos trazem de casa podem auxiliar muito em nosso trabalho, abrindo novas portas para o desenvolvimento de ações que gerem novos saberes.

Um aspecto que consideramos necessário melhorar diz respeito aos nossos registros diários escritos. Devido à necessidade de muito planejamento, não pudemos dedicar muito tempo aos nossos registros diários sobre as nossas aulas, sobre o nosso fazer pedagógico no dia a dia. Fizemos uma ficha do aluno onde registramos seus progressos que foi importante e anotamos as necessidades e as falhas da aula do dia para melhorar no dia seguinte, mas sentimos falta de nossos relatos diários.

Se fôssemos aplicar novamente o projeto, incluiríamos uma mostra científica que temos certeza, auxiliaria na oralidade e na produção de textos.

Ainda hoje, mantemos o *blog* educativo e o jornal escrito para as turmas com as quais trabalhamos atualmente.

Outro aprendizado que o projeto nos deixou foi a constatação de que a interdisciplinaridade promove um avanço dos alunos não somente em conteúdos, permitindo aos mesmos levar os conhecimentos para a aplicação fora da escola, e propicia muitas oportunidades de aplicação dos saberes dos alunos na sala. O mundo hoje é multidisciplinar, os conteúdos se relacionam nas redes sociais e na mídia. Desta forma, a interdisciplinaridade torna o estudo mais rico, mais completo e dinâmico.

Quando realizamos o diagnóstico inicial ficamos assustados. O desafio era grande demais! E foi exatamente este desafio assustador que nos fez crescer e enxergar a grandeza do nosso trabalho. Muitas vezes ficamos desanimados pela falta de valorização do professor na sociedade atual, mas quando você percebe que o seu trabalho de fato contribui com a sociedade, então você se vê como alguém importante também.

Infelizmente, não continuamos o trabalho com a mesma turma, pois, conforme já relatamos, as escolas estaduais não só em Rondônia, mas em todos os estados do Brasil estão atendendo às séries finais do Ensino Fundamental e ao Ensino Médio. Mas, no início deste ano, a escola realizou uma sondagem diagnóstica em todas as turmas e diferentemente do sempre ocorreu, os resultados foram socializados para todos os professores. A supervisão organizou os dados em gráficos e todos analisaram todas as turmas e apresentaram sugestões para aquelas que apresentavam dificuldades.

Ficamos ansiosos aguardando o resultado da turma do ano anterior o 4º B, agora 5º B, e vimos com alegria que a turma estava dentro do que é esperado para os quintos anos, o resultado do diagnóstico evidenciou a importância da experiência realizada.

Quando se trata de um projeto que privilegia a leitura e a escrita, podemos constatar que os saberes construídos são saberes para a vida.

Uma situação que ainda permanece, mas não é só com a turma com quem trabalhamos, é a necessidade de um trabalho que mobilize a conscientização da participação da família no processo de ensino.

Em anexo segue depoimentos de pais e alunos, bem como uma avaliação do projeto pela equipe gestora da escola.

Reflexão

Acreditamos que o projeto possa ser replicado por outros colegas de trabalho em realidades similares, não somente porque os resultados foram satisfatórios, mas também pelo fato do projeto abranger aspectos interessantes como, por exemplo, o uso da tecnologia em situações inovadoras na escola.

Mesmo que o projeto não seja replicado integralmente, até porque para uma replicação é preciso existir uma necessidade a ser atendida, acreditamos que as ações que realizamos serão sempre proveitosas. Por exemplo, o trabalho com gêneros tem sua eficácia comprovada por vários estudos e pudemos comprovar que sua utilização pode favorecer muito o aprendizado mesmo para alunos que estão ainda construindo o processo de alfabetização.

Outro aspecto importante é a aplicação das ações que desenvolvemos como o informativo da sala, o uso do *blog*, as filmagens, que podem ser replicadas independentemente do projeto, aliás elas podem ser individualmente frutos de projetos isolados, por exemplo, o gênero notícia pode servir de base para a elaboração de um projeto que culmine no jornal escrito e filmado.

A dificuldade que se pode encontrar na aplicação é a extensão da duração. Este projeto foi pensado para atender necessidades de alfabetização e ao mesmo tempo conteúdos curriculares do 4º ano, a fim de, ao seu término, permitir que todos estivessem alfabetizados e compreendessem a função social de cada gênero estudado, bem como fosse capaz de realizar suas próprias produções sobre os mesmos, por isso teve a duração de sete meses.

Em projetos mais curtos, tudo fica mais fácil, desde a elaboração de atividades até a avaliação formativa. Entretanto, qualquer um que se inspirar nestas ideias, certamente presenciará momentos de muita alegria, interação, construção de novos saberes e grandes oportunidades de desenvolvimento para os alunos, pois em todo o projeto constatamos que o aprendizado significativo se perpetua na vida fora da escola, vida para a qual buscamos preparar os nossos alunos, contribuindo de alguma maneira para a construção de uma sociedade cada vez melhor.